



Decifra-me ou te devoro

O momento é de unidade, e a mesma tem sido evocada como mantra. Cabe lembrar que em pleno 30º Congresso Eleitoral do SINASEFE, de 18 a 21 de março de 2016, tivemos que conviver com uma faixa “Fora Todos”, enquanto mais da metade daquele Congresso pedia para que pudéssemos ir às ruas para a passeata contra o golpe na Esplanada dos Ministérios, que defendia a combatida democracia brasileira.

Várias lideranças presentes naquele Congresso, com apoio de delegados de algumas bases, decidiram ficar e ignorar a movimentação contra o golpe que já havia se iniciado no país. Não deixando de lado o fato de que aquela era a tônica de vários sindicatos, partidos e centrais que teimavam em continuar com a mesma postura de que não havia um golpe em curso. Enfim, preferiram ficar ao lado da corja de Eduardo Cunha, ao lado do STF, da Lava Jato e dos setores mais reacionários da nossa sociedade, capitaneados pela Fiesp, pelos militares e pela mídia burguesa.

No 31º Congresso do SINASEFE, de 18 a 21 de maio de 2017, tivemos avanço a partir da aprovação da paridade de gênero para composição da Direção Nacional (DN) e das mais de 90 seções do sindicato pelo Brasil afo-

ra. Já era nítido que a afirmação de que “Dilma e Temer eram a mesma coisa” estava equivocada. Em poucos meses, tivemos a aprovação da Reforma Trabalhista; terceirização ampla e irrestrita; Reforma do Ensino Médio; reformulação da BNCC; as bases da Reforma da Previdência que hoje só falta ser aprovada no Senado; e inúmeros projetos que atacam nossa categoria, como o fim do Regime Jurídico Único; o fim da estabilidade; retirada dos benefícios como auxílios alimentação, transporte e saúde; dentre outras perversidades.





Valia muito mais ter-se ouvido o clamor das bases de que “não vai ter golpe” do que o preço que estamos pagando.

Será que ainda existe entre os defensores do “Fora Todos” quem duvide do golpe? Em 17 de setembro, durante entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, o ex-presidente Michel Temer admitiu que “jamais apoiou ou fez empenho pelo golpe”, ao se referir ao impeachment de Dilma Rousseff.

De 28 de abril a 1º de maio de 2018, o 32º Congresso do SINASEFE expôs a omissão da DN em relação ao golpe político-parlamentar-judicial-empresarial-midiático que esfacela direitos e conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras e agoniza a esfera dos serviços públicos, em especial a Educação, para impor um projeto de Estado Mínimo no qual não cabe o Ensino Público, Gratuito, Laico, Inclusivo e Socialmente Referenciado. Inclusive a própria atuação da CSP-Conlutas, central sindical da qual ainda faz parte nossa entidade, foi colocada à prova: parece que, pelo teor de seu último Congresso (realizado de 3 a 6 de outubro), muito pouco do que a base do SINASEFE cobrou foi considerado pela central.

Essa exposição da omissão derrubou o golpe do “Fora Todos” dentro do sindicato. É preciso que se re-

conheça o erro cometido desde 2013 e, principalmente, em 2016. O golpe é fato, não fake! E desde o início coloca a frágil democracia brasileira em cheque. Esperamos que o 33º Congresso do SINASEFE possa reconhecer os erros e armar nossa categoria, apontando um norte diante desta conjuntura que, desde 2013, tem se movimentado conforme a previsão dos golpistas. Às bases cabe efetivamente reorganizar-se e apresentar a direção da unidade em defesa das históricas conquistas da categoria e dos direitos como previdência, emprego e carreira.

As crises vivenciadas pelo PSL e as várias denúncias que atingem a arquitetura que levou Bolsonaro ao poder (caixa dois, fake news, assassinato de Marielle e Anderson, armação do golpe de 2016, a prisão de Lula, entre outros), bem como a falta de um projeto de políticas públicas em favor da população mais pobre, o que representa nesse momento a real implantação e execução de políticas ultraneoliberais, nos coloca de frente pro gol: se, para um setor do SINASEFE, era impossível compreender o enigma do golpe, cabe-nos decifrar que esse é o exato momento para os mais fortes enfrentamentos. Ou vencemos o governo, ou seremos devorados por ele!





O título poderia soar estranho se não estivéssemos em tempos da realidade brasileira em que a conjuntura nos exige o máximo de nosso poder de abstração, cognição e reflexão crítica. Mas afinal, o que tem as zebras? É possível elas entrarem em greve? Recentemente durante o Fórum Nacional do Ensino Superior, realizado na cidade de São Paulo-SP, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que “é preciso ir atrás de onde está a zebra mais gorda, que é um professor de uma Federal, com Dedicção Exclusiva, ministrando oito horas de aula por semana e ganhando de R\$ 15 a R\$ 20 mil por mês”. O ministro, ao fazer tal afirmação, primeiramente desrespeitou toda classe trabalhadora da Educação Federal, afirmando que nós somos zebras, e no caso, segundo ele, as mais gordas precisam ser caçadas pelo suposto leão, que seria o governo federal.

A fala de Weintraub é totalmente falaciosa, pois passa a ideia de que são os professores e as professoras

que detêm os maiores salários dentre os Servidores Públicos Federais (SPFs), o que é uma mentira e, além disso, está distante de ser a maioria de professoras e professores que conseguem chegar aos salários apresentados e ao teto definido no plano de cargos e carreira da categoria. O ministro omite informações importantes, ao dizer que estes profissionais trabalham apenas ministrando oito horas de aula por semana, omitindo que também a pesquisa, a extensão, gestão e trabalhos em comissões, entre outras atividades, compõem a carga horária destes profissionais. A fala de Weintraub também pretende jogar servidores técnico-administrativos contra docentes: apesar de ambos serem zebras, segundo o ministro, apenas as gordas (os docentes) que seriam caçados. Salienciamos que ambos, sem distinção, enquanto trabalhadores e trabalhadoras da Educação, são importantes para as Instituições Federais de Ensino (IFEs), cada qual exercendo suas atribuições. Os ataques avassaladores

o título poderia soar estranho se não estivéssemos em tempos da realidade brasileira em que a conjuntura nos exige o máximo de nosso poder de abstração, cognição e reflexão crítica. Mas afinal, o que tem as zebras? É possível elas entrarem em greve? Recentemente durante o Fórum Nacional do Ensino Superior, realizado na cidade de São Paulo-SP, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que “é preciso ir atrás de onde está a zebra mais gorda, que é um professor de uma Federal, com Dedicção Exclusiva, ministrando oito horas de aula por semana e ganhando de R\$ 15 a R\$ 20 mil por mês”. O ministro, ao fazer tal afirmação, primeiramente desrespeitou toda classe trabalhadora da Educação Federal, afirmando que nós somos zebras, e no caso, segundo ele, as mais gordas precisam ser caçadas pelo suposto leão, que seria o governo federal.

A fala de Weintraub é totalmente falaciosa, pois perpassa a ideia de que são os professores e as professoras que detêm os maiores salários dentre os Servidores Públicos Federais (SPFs), o que é uma mentira e, além disso, está distante de ser a maioria de professoras e professores que conseguem chegar aos salários apresentados e ao teto definido no plano de cargos e carreira da categoria. O ministro omite informações importantes, ao dizer que estes profissionais trabalham apenas ministrando oito horas de aula por semana, omitindo que também a pesquisa, a extensão, gestão e trabalhos em comissões, entre outras atividades, compõem a carga horária destes profissionais. A fala de Weintraub também pretende jogar servidores técnico-administrativos contra docentes: apesar de ambos serem zebras, segundo o ministro, apenas as gordas (os docentes) que seriam caçadas. Salienciamos que ambos, sem distinção, enquanto trabalhadores e trabalhadoras da Educação, são importantes para as Instituições Federais de Ensino (IFEs), cada qual exercendo suas atribuições. Os ataques avassaladores aos direitos já conquistados atingem ambos, sendo de suma importância que não haja cisão e estejamos unidos para enfrentar os ataques atuais e os vindouros.

Não é novidade que o governo fascista de Jair Bolso-

naro elegeu a Educação – e especialmente professores e professoras – como “inimiga número um”. Para que um grupo dessa estirpe permaneça no governo, é preciso atacar a Educação Pública, Gratuita, de Qualidade e Socialmente Referenciada, que, mesmo diante de problemas e desafios existentes, ainda se revela como algo que traz reflexos positivos aos filhos e às filhas da classe



trabalhadora e aos próprios trabalhadores e trabalhadoras. Esse ataque tem o objetivo de fazer o desmonte do modelo atual, para aumentar os lucros de setores privados sem necessariamente, de maneira inicial, fazer uma privatização, através, por exemplo, do Programa Future-se, mas que de toda forma aponta pra ser o início de um processo de privatização. O governo também pretende, por meio do projeto das escolas cívicos-militares, colocar em curso a implementação de uma ideologia única, totalitarista e disciplinadora-moralizante (uma falsa noção), que tentará impedir o pensamento crítico e o debate plural de ideias. Diante dessa verdadeira caçada contra nós, não restam alternativas a não ser nos armarmos com um dos principais instrumentos de luta da classe trabalhadora, que é a greve.

A greve, historicamente, sempre foi marginalizada como instrumento de luta pela burguesia, não por acaso, já que quando são bem articuladas e consistentes, tomadas pelo sentido amplo de consciência de classe pelos trabalhadores, geralmente se mostraram vitoriosas na luta de classes, seja na conquista de direitos e/ou na defesa de direitos já conquistados. A burguesia e o Estado

burguês através de todo seu aparato da superestrutura, inculcaram na mente dos trabalhadores que a greve é um instrumento ineficaz, ou mesmo que seria um dos últimos recursos a serem usados. Não por acaso também, aparentemente, esse discurso foi sendo incorporado por determinados grupos da classe trabalhadora, por meio das suas diversas negociações por direitos, ou mesmo em governos/períodos de conciliação de classe e, por vezes, esquecendo-se que este instrumento é ou deveria ser uma arma empunhada pelo trabalhador enquanto não houver a superação da luta de classes com o fim da burguesia, não devendo ser abdicada de usá-la em hipótese alguma, seja lá qual for o inimigo que se apresente a serviço do capital e seja lá qual for a conjuntura.

Mas afinal o que é uma greve? Como ela se originou?

O que é uma greve? Segundo o texto da lei 7783/1989, greve é definida como a suspensão coletiva, temporária e pacífica, total ou parcial, de prestação pessoal de serviços a empregador. Essa parada coletiva das atividades dos trabalhadores tem como finalidade exercer pressão, objetivando a defesa e/ou conquista de direitos de interesse coletivo, ou no intuito de obter conquistas sociais mais amplas. Para além da conceituação balizada juridicamente, entendemos sociologicamente como instrumento no qual o trabalhador recupera aquilo que possivelmente seria sua maior riqueza, que é o controle sobre sua força de trabalho. Através de um instrumento de luta coletiva, transitoriamente ele individualmente se torna livre, ao mesmo tempo em que o exercício dessa sua liberdade transitória garante a força de uma mobilização coletiva frente ao capital do qual está submetido.

Como ela se originou? Para colocar a greve como parte de um devir histórico à classe trabalhadora, se faz necessário que tentemos, de maneira breve, observar a sua genealogia na história. Etimologicamente, observamos que o termo origina-se do francês “grève”, com o mesmo sentido, proveniente da Place de Grève, em Paris, localizada na margem do Rio Sena, que era um lugar



de embarque e desembarque de navios e, posteriormente, de realização de reuniões de desempregados e operários que apresentavam insatisfação com as condições de trabalho. Costumeiramente é observado na literatura científica que greves surgem com o surgimento da classe trabalhadora assalariada na Europa, no advento da primeira Revolução Industrial no modo de produção capitalista, que proporcionou intensas reestruturações produtivas do capital e do trabalho, dali até os dias de hoje.

Voltemos à história das zebras para tentar apontar outra origem da primeira greve da humanidade...

As zebras são mamíferos equídeos nativos do continente africano. Neste mesmo continente, possivelmente, ocorreu a primeira manifestação paretista da humanidade, que foi uma mobilização dos operários do vilarejo de Deir al-Medina, no tempo de Ramsés III. Segundo o historiador Thomas de Toledo, há mais de três milênios um povoado às margens do Rio Nilo, no Egito Antigo, proporcionou a primeira greve conhecida que se tem registros históricos. Por causa dos vários atrasos no pagamento dos salários, os operários da aldeia de Deir al-Medina cruzaram os braços e causaram surpresa



Repúdio à invasão fascista contra o Colégio Pedro II

O SINASEFE NACIONAL repudia veementemente a atitude autoritária e fascista ocorrida no dia 11 de outubro no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro-RJ, promovida por dois parlamentares do PSL que demonstraram não ter sequer noção do ofício de seus cargos.

Invadiram espaço público sem autorização e ameaçaram estudantes, servidores, a comunidade em geral, bem como a democracia institucional, caracterizada como uma atitude criminosa e abominável.

Este fato representa mais um forte ataque à autonomia e à democracia já tão atacadas pelo atual governo que estes irresponsáveis parlamentares representam.

Porém, nada disso é novidade. Estes ataques sistemáticos contra as Universidades e os Institutos Federais, agora

intensificados nesta forma de violência ocorrida no campus São Cristóvão do Colégio Pedro II, representa mais um ataque às instituições democráticas e às liberdades individuais.

Porém, a forma como esta atitude autoritária e fascista foi enfrentada bravamente por servidores e estudantes, como ato de defesa contra estes parlamentares, tornou-se referência para todos que defendem a Educação Pública.



Rechaçar o Future-se e defender a Educação Pública

O Future-se é uma grande tragédia anunciada. Em todas as Universidades e Institutos Federais um profundo debate vem aprovando, através dos Conselhos Deliberativos dessas



Instituições Federais de Ensino (IFEs), resoluções que rejeitam integralmente o Programa apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) no dia 16 de julho.

Há quase dez meses de governo Bolsonaro e há três anos do golpe parlamentar, jurídico e empresarial, o que mais temos visto e enfrentado a cada dia são ataques sistemáticos aos direitos dos trabalhadores e a implementação de um processo de desmonte da Educação Pública e das IFEs – várias de origem centenária!

Por isso, o SINASEFE tem apresentado total desacordo e rechaçado integralmente o Future-se, exigindo que o MEC retire-o de pauta e que os Conselhos Deliberativos das IFEs aprovem resoluções indicando contrariedade ao Programa de Bolsonaro/Weintraub.

Precisamos correr contra o Future-se, que agora se apresenta em sua fase inicial, como minuta de Projeto de Lei. Ou rechaçamos este Programa ou as IFEs não sobreviverão!

15 de Outubro: Dia de Luta!

*Todo caminho da gente é resvaloso.
Mas também, cair não prejudica demais.
A gente levanta, a gente sobe, a gente volta!*

É bom sermos lembrados por alunas e alunos, amigos, parentes e colegas de trabalho pelo nosso dia.

É bom sermos valorizados por contribuir para a formação integral de pessoas que passam por nós.

É bom compartilharmos com colegas a dor e a alegria de sermos professores.

Tudo isso é bom e deve ser comemorado. Mas, hoje, mais que um dia de comemoração, é um Dia de Luta!

Mais do que nunca, é tempo de ensinar e de aprender a enfrentar esses dias ásperos em que o conhecimento, a crítica e a reflexão são atacados. É importante que tenhamos apoio para fazer aquilo que propusemos a fazer.

É tempo de buscar na arte a vida e a luz que querem nos arrancar. Principalmente quando nos impõem um projeto de morte. Há sempre um Guimarães Rosa nos lembrando o que é a vida e nos animando para a luta.

É por isso que o SINASEFE apoia e parabeniza professoras e professores pela luta diária de levantar, subir e voltar.

